

MUNDO IMAGINÁRIO: A IDEALIZAÇÃO FAMILIAR NA OBRA *A BOLSA AMARELA* DE LYGIA BOJUNGA

Thais Pereira de Brito¹

Orientadora: Prof^a Esp. Bruna Alves de Ataíde Melo Paulo²

RESUMO: O presente artigo propõe uma análise da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, sob a perspectiva da construção da infância, relacionadas ao meio familiar. Raquel representa o protagonismo infantil, mesclando realidade e fantasia na busca pela resolução dos conflitos. A narrativa de Lygia Bojunga aborda os temas infância e fantasia em tons de protestos, sua obra está repleta de denúncias sociais correlacionadas à sociedade dos anos setenta. O objetivo central dessa pesquisa é compreender através da fantasia o conceito idealizado de família, visto que o imaginário lhe proporciona todo o poder, que na realidade seria impossível de se concretizar. Este estudo trata-se de uma revisão bibliográfica sob o viés do método qualitativo, e tem como base teórica as seguintes obras: *História social da criança e da família* (1981); *O que é Criança* (2017); *Literatura infantil brasileira História e Histórias* (2007); *O Ego e os Mecanismos de Defesa* (2006); *O Segundo sexo* (2009); *O Homem e seus Símbolos* (2016).

Palavras-Chave: Infância; família; Literatura Infanto-juvenil; fantasia.

Abstract: This article proposes an analysis of the work *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga Nunes, under the perspective of the construction of childhood, related to the family environment. Raquel represents child protagonism, mixing reality and fantasy in the search for conflict resolution. Lygia Bojunga's narrative addresses the themes of childhood and fantasy in tones of protest, her work is full of social denunciations related to the society of the seventies. The main objective of this research is to understand through fantasy the idealized concept of family, since the imaginary provides her with all the power, which in reality would be impossible to materialize. This study is a bibliographic review under the bias of the qualitative method, and has as theoretical basis the following works: *Social history of the child and the family* (1981); *What is a Child* (2017); *Brazilian children's literature História e Histórias* (2007); *The Ego and the Defense Mechanisms* (2006); *The Second Sex* (2009); *The Man and his Symbols* (2016).

Keywords: Childhood; family; Brazilian children's and youth literature; fantasy.

¹ Thais Pereira de Brito, graduanda em Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Posse (GO), e-mail: thaisperbrito@gmail.com.

² Professora do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Posse (GO), e-mail: brubrunapaulo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pertence à linha de estudos literários e objetiva-se em analisar a obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes. Este trabalho visa compreender a relação familiar da personagem Raquel, tendo como base seu mundo imaginário, destacando o ponto de vista da criança, em transição pessoal e psicológica. Dessa forma, convém mencionar que o desígnio desta análise também, é evidenciar os conflitos internos da protagonista que estão correlacionados a questões afetivas.

Bojunga apresenta na obra a união entre a infância e a fantasia. Ela dá à sua personagem Raquel características de uma garota solitária, fantasiosa que possui três grandes vontades, ser menino, ser grande e ser escritora. A relação conflituosa entre Raquel e a família, faz com que ela reprime essas vontades, assim ela desenvolve á fantasia, um mecanismo de defesa que se baseia na criação de um sistema ilusório, este estabelece um paralelo entre o imaginário e a realidade na tentativa de proporcionar satisfação que na vida real não era possível ser realizado.

Lygia Bojunga Nunes nasceu em 1932, e se tornou uma importante escritora da literatura infanto-juvenil brasileira, ela encantou o mundo com narrativas fantásticas, e em 1982, venceu o prêmio Hans Christian Andersen A escrita de Bojunga introduziu uma nova visão ao campo da literatura infantil, expondo através da fantasia críticas relacionadas às questões sociais.

As características e estilo da autora assumem uma posição de destaque dentro da literatura infantil brasileira, a presença de dilemas psicológicos, a linguagem coloquial e a imagem da criança são colocadas como principais temáticas na trama.

A obra Intitulada, *A Bolsa Amarela*, apresenta uma narrativa que aborda de forma crítica questões como, carência afetiva, preconceito, liberdade de expressão e desigualdade de gênero. Nascia então no ano 1976, uma heroína que representava a infância, porém que questionava assuntos de gente grande, rompendo estereótipos que predominava a sociedade da época.

Em um primeiro momento será explanado a condição da criança em relação à família, e de forma teórica será abordada as vontades da protagonista segundo a sua representação no mundo imaginário. Diante desses aspectos, iremos elucidar a

relevância do ponto de vista da criança dentro da literatura juvenil. Com isso vale mencionar, a influência do símbolo na gênese do universo infantil, que contribui no desenvolvimento da narrativa.

A temática deste artigo justifica-se em compreender a associação entre o modelo idealizado de família, e o mundo imaginário criado por Raquel. Com isto procuramos clarificar as proposições apontadas por Bojunga, a cerca do elemento estrutural que norteia o conceito de família, a afetividade. Com base neste princípio, levaremos em consideração a relevância do amor como o fator essencial na relação entre pais e filhos.

Portanto este artigo intitulado Mundo Imaginário: A Idealização Familiar na obra *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga, abordará os conflitos relacionados à vivência familiar da personagem Raquel. Discutirá os ideais imaginários apontados na obra, atribuindo devida importância aos personagens reais e inanimados. Desse modo convém esclarecer que esta pesquisa é desenvolvida mediante estudos bibliográficos, utilizando o método qualitativo, para compreender o conceito ideal de família apresentado pela personagem Raquel. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessária a compreensão da temática na narrativa, e a leitura foi essencial na construção da linha apresentada. Sob o viés da investigação pretende-se analisar o comportamento psicossocial da personagem tendo como base teórica as seguintes obras: *História social da criança e da família* (1981); *O que é Criança* (2017); *Literatura infantil brasileira História e Histórias* (2007); *O Ego e os Mecanismos de Defesa* (2006); *O Segundo sexo* (2009); *O Homem e seus Símbolos* (2016).

2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO FAMILIAR

A família é considerada a instituição mais antiga na sociedade, e abrange uma diversidade em sua constituição, seja proveniente de laços biológicos ou afetivos, fator que propiciou profundas adaptações em seu conceito. Portanto o termo família não possui uma única conceituação apta a descrever o seu real significado. Os aspectos que influenciaram na oscilação desta ideologia deve-se a

transformação das relações dotadas de sentimentos. Para Lopes “o afeto é princípio mor que se tornou imprescindível em consolidar a relação da família”. (LOPES, 2019, s/p). Desta forma vale ressaltar os elementos primordiais, que tem por função estabelecer a reciprocidade entre os indivíduos que a compõe, sendo eles o respeito, o amor e a amizade.

Os laços de cumplicidade entre pais e filhos é o fundamento básico da composição familiar. Em seu estudo Fachin argumenta que “uma família que experimenta o afeto, a veracidade, e a liberdade, gera um grupo familiar, não fechado egoisticamente em si mesmo, mas para as angústias e problemas coletivos” (FACHIN, 2012. s/p).

Em seu estudo Estracieri sugere essa mesma linha ao afirmar que:

A família funcionará como “filtro” para o indivíduo. Cabe aos pais estabelecer o comportamento e as atitudes que devem ser agregados do espaço social ao espaço familiar. Nessa perspectiva, conclui-se que o grande desafio da família atual seja o de compartilhar conhecimentos e experiências fundados numa relação de afeto e solidariedade capaz de permitir o desenvolvimento saudável de seus membros. (ESTRACIERI, 2015, p. 75).

Na obra de Bojunga o modelo familiar é visto como o oposto da linha de pensamento descrito acima, os conflitos apresentados na narrativa, são gerados pela áspera vinculação familiar, a falta de empatia e a insuficiência no diálogo mantêm a protagonista em constrangimento, sendo silenciada involuntariamente ao expressar suas vontades.

Se o pessoal vê minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais e ver gente grande rindo de mim (BOJUNGA, 2008, p. 23).

Philippe Ariès historiador e representante dos estudos relacionados à configuração da família e infância, trás importante contribuição elencadas em sua obra, sob o viés do princípio afetivo nas instituições familiares. Segundo ele:

As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas, portanto fora da família, num “meio” muito mais denso e quente, composto de vizinhos, amigos e criados, crianças e velhos, mulheres e homens, em que a inclinação se podia manifestar mais livremente (ARIÈS, 1981, s/p).

Em *A Bolsa Amarela* a conexão afetiva é limitada, uma vez que a protagonista contesta o comportamento omissivo de sua família, em relação ao seu desenvolvimento pessoal, o grupo parental referido no romance indica os pais como os responsáveis pelo sustento da casa, no entanto a figura de chefe de família permanece com o pai. Toda via função paterna é designada aos irmãos da personagem Raquel, eles aparecem na narrativa dez anos mais velhos e assumem o papel de corrigir o comportamento da Irmã caçula.

Meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade, guarda essas ideias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. Ah! Não quero pegar outra carta do André, viu? (BOJUNGA, 2008, p. 18).

A falta de diálogo, e compreensão do desenvolvimento intrapessoal da pré-adolescente, implica na importância de sua atuação como membro da família nuclear. Os conflitos expressados retratam a negligência comportamental, e os abusos emocionais sofridos pela heroína. Em relação a essas emoções, Costa e Teixeira as classificam:

Pela ausência ou inadequação, persistente ou significativa, ativa ou passiva, do suporte afetivo e do reconhecimento das necessidades emocionais da criança. Deles resultam efeitos adversos no desenvolvimento físico e psicossocial da criança e na estabilidade das suas competências emocionais e sociais, com consequente diminuição da autoestima. (TEIXEIRA, 2016, p. 196).

Neste caso Bojunga preserva a imagem superprotetora da família, e ao mesmo tempo dá ao grupo nuclear características disfuncionais³ pela falta de afeto e diálogo. O que nos leva a questionar se a família da protagonista exerce o papel

³ Disfuncional: [Figurado] Que não funciona direito; cuja função está parcial ou completamente prejudicada: seu discurso é completamente disfuncional e incoerente. DISFUNCIONAL, 2009. s/p.

de antagonismo na obra? Levaremos este questionamento às considerações finais.

3 A CONDIÇÃO DA CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL

Ao relacionar à imagem da criança à literatura, se faz necessário esclarecer a etimologia do vocábulo infância, essa palavra tem origem do latim, e significa aquele que não fala. Considerada um ser puro e ingênuo, logo a imagem da criança simboliza efemeridade da primeira fase da vida. Em seu estudo *A Infância Revisitada*, Cardoso refere-se à infância como:

A transição do desenvolvimento humano, período entre o nascimento até o início da adolescência, esse termo tem sido o alvo de vários estudos, e possui mais de uma definição sendo essencial esclarecer a que infância será discutida (CARDOSO, 2017, p. 19).

Em *A Bolsa Amarela* a idade é um ponto a ser explorada, a narrativa aborda essa fase da infância como uma etapa significativa para a construção do eu. Nesse sentido Ariès descreve:

As idades da vida como um processo relevante para os tratados científicos, a infância puerilidade, juventude e adolescência e velhice, são palavras que designam períodos distintos da vida (ARIÈS, 1981, p. s/p).

Existem várias concepções válidas que abrangem as noções de infância, no romance a condição da criança é um aspecto que corrobora para justificar a falta de diálogo na família. Neste caso é crucial ressaltar a abordagem de Damazio acerca da teoria clássica empirista, que relaciona “o conhecimento em decorrência da experiência”. O autor explana de forma filosófica, a validade do conhecimento em relação à criança como um ser pensante, em sua fala ele esclarece que:

Para o empirismo⁴, o individuo quando nasce é como um balde vazio onde a experiência do mundo vai depositando sua substância. A criança, então é um ser incompleto, um vazio inicial, já que sua mente é como uma página branca que deve ser preenchida ao sabor dos fatos exteriores (DAMAZIO, 2017, p. 9).

⁴ Empirismo: [Filosofia] Doutrina filosófica que afirma ser o conhecimento resultado da experiência, restringindo-se ao que pode ser apreendido através dos sentidos ou da introspecção, opondo-se ao racionalismo e à metafísica. EMPIRISMO, 2009, s/p.

Neste contexto ao expor as noções de infância, é necessário argumentar sobre, a literatura infanto-juvenil que surgiu em meados no século XVIII destinada a crianças, jovens e adultos, esse ramo literário confere o reconhecimento à criança como um ser racional, atribuindo devida importância a essa nobre fase da vida. Neste sentido em seu estudo crítico, Amarilha teoriza sobre a conexão entre infância e literatura, que significa:

Reconhecer a inserção da criança no tecido social. No contexto desta reflexão, é incluí-la enquanto ser capaz de gerar mudanças na amplitude do conceito de literatura, sua produção, sua recepção e seu ensino (AMARILHA, 1999, p. 127).

A literatura infanto-juvenil observada em um contexto histórico revela um grande potencial moralista, com o intuito educativo as obras produzidas continuam uma narrativa que condicionava a criança para o bem. Com o passar dos anos essa mesma literatura sofre uma transfiguração e adota não só a fantasia, mas uma função mais pertinente para a sociedade como um todo a crítica social, Lajolo e Zilberman discorrem sobre a ideologia nacionalista presentes na literatura infanto-juvenil brasileira:

[...] A literatura infantil aderiu aos ideais do período e expressou-os às vezes de modo literal, trazendo para a manifestação literária uma nitidez que ela raramente conhece nos textos não infantis. Os livros para crianças foram profunda e sinceramente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista (LAJOLO, ZILBERMAN, 2007, p. 52).

Lygia Bojunga Nunes é uma escritora que cabe na linha de pensamento citado acima, em sua obra *A Bolsa Amarela* foi possível perceber contextos sociais evidenciados de forma simples, porém uma crítica à sociedade dos anos setenta o auge da ditadura militar, os ideais de liberdade como foco da personagem Raquel, evidenciam a luta do povo brasileiro diante da opressão vivenciada pelo regime militar. Neste contexto é válido mencionar a fala de Estracieri que descreve a contribuição da literatura nesse período, segundo ela:

Trata-se de uma literatura de denúncia uma vez, que os programas televisivos, os artistas e a sociedade em geral sofriam com a censura. Nesse regime ditatorial, o livro, revalorizado torna-se a única forma de denúncia (ESTRACIERI, 2015, p. 96).

Portanto, fica claro o impacto positivo da literatura infanto-juvenil e sua contribuição, que ora sensibiliza ora reformula o pensamento crítico na sociedade.

4 O MUNDO IMAGINÁRIO EM A *BOLSA AMARELA*

É apresentada no romance, uma nova configuração da narrativa infanto-juvenil, a autora dedica-se em colocar a criança como percussora de seu próprio destino ao desmistificar a imagem do herói na fase adulta. Raquel desempenha seu protagonismo criando um universo particular, e a imaginação ganha espaço tornando-se o caminho para sua afirmação pessoal, Bojunga trata de diversos assuntos relacionados à vivência e estrutura familiar da personagem Raquel associando vida real com ficcional.

Diante da pluralidade de ideias sobre o contexto literário vale mencionar o discurso de Matozo sobre literatura e sociedade em que ela afirma “que o crítico literário relaciona sua visão de mundo com a realidade vivida, originando assim sua própria interpretação” (MATOZO, 2014, p. 3).

O romance *A Bolsa Amarela* criado em 1976, apresenta um discurso simbólico, a qual Bojunga recria a imagem da criança, no sentido representativo, inicialmente a posição de Raquel revela os protestos feitos à sociedade, especificando a família como a base para esses conflitos.

A descrição de Raquel na obra desmitifica a ideologia negativa da criança como um ser pensante, questionador, dotado de sentimentos e força de expressão. Em uma carta destinada a André um amigo imaginário, a menina questiona a importância de sua existência como membro da família.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não?(BOJUNGA, 2008, p. 11).

Nota-se que no decorrer do romance, a ausência prolongada dos pais, e atitudes tomadas pela família, exerce forte influência no comportamento solitário da

protagonista. Em um trecho da narrativa Raquel relata o isolamento imposto a ela pela Irmã mais velha.

Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar (BOJUNGA, 2008, p. 13).

Em *A Bolsa Amarela* o protagonismo infantil ganha destaque, sendo correlacionadas as questões sociais. Como já foi dito anteriormente essa seria uma das principais características da escrita de Ligia Bojunga. Dessa forma iremos abordar “as vontades” da protagonista, de acordo com sua representação. Ela é uma pré-adolescente que possui três grandes vontades, ser menino, ser grande e ser escritora, essa última servirá de ponte para fantasia.

Deste modo é necessário discorrer sobre os elementos discursivos presentes *na obra*, que caracterizam as especificidades das vontades da protagonista. Em vista disso Estracieri diz: que “a superação e a coexistência, ambas insistem na possibilidade de superação dos desafios e obstáculos e unem duas realidades uma se sobressaindo mais que a outra” (ESTRACIERI, 2015, p. 43).

Neste caso é possível perceber o discurso de superação na luta pelos direitos iguais caracterizadas pela “vontade de ser menino”. A menina contesta o papel que lhe foi destinado como mulher. Em uma conversa com o irmão mais velho, Raquel comenta sobre as possibilidades cabíveis ao homem dentro de uma sociedade extremista e opressora, segundo ela:

Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele é sempre um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa (BOJUNGA, 1976, p. 16).

Direitos iguais tem sido uma bandeira erguida pelo feminismo no combate a discriminação de gênero. Por décadas, a mulher tem buscado igualdade em uma sociedade determinada pelo domínio masculino. O patriarcado possui diversas concepções elencadas a cerca da sua estrutura, sendo assim é essencial destacar a perspectiva, da estudiosa e feminista brasileira Heleieth Saffioti, ao descrever que:

Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado (SAFFIOTI, 2004, p. 54).

Bojunga destaca o personagem que representa esse discurso patriarcal no romance *A Bolsa Amarela*, observa-se o pensamento machista, do tio Júlio “ao não permitir que a tia Brunilda trabalhe” (BOJUNGA, 2008, p. 25).

Veremos a seguir a retórica da feminista Simone de Beauvoir em sua obra *Segundo Sexo*, que consiste a condição feminina na sociedade contemporânea, pela perspectiva da infância. A feminista com um olhar crítico descreve a gênese do universo feminino, e o condicionamento presente na criação da mulher. Em sua fala Beauvoir expressa que:

Até os 12 anos a menina é tão robusta quanto seus irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar com eles. Se, bem antes da puberdade e, às vezes mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente a passividade, ao coquetismo, a maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação ética imperiosamente insuflada (BEAVOIR, 2009, p. 293).

A vontade de crescer propicia um pensamento crítico sobre a infância como o período do desenvolvimento pessoal. Nesse caso consideramos refletir sobre a frase “toda criança quer crescer” nesta afirmação é possível perceber a condição da criança, insatisfeita com a primeira fase da vida elegendo a fase adulta a ideal. Em *a bolsa amarela* essa insatisfação é expressa por Raquel pela falta de privacidade e liberdade de expressão imposta a ela pelo simples fato dela ser criança, em um de seus monólogos ela diz:

E de repente todo mundo tava lutando pra abrir minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim a força se eu fosse gente grande? Quem? Ai a minha vontade de ser grande desatou também a engordar (BOJUNGA, 1976, p. 77).

Conforme os estudos de Dal Cortivo, em uma sociedade considerada patriarcal que sugere a imagem do tradicionalismo, a criança era vista como um ser frágil e dominado. Segundo ela:

Na sociedade patriarcal a criança não tinha liberdade para opinar nem para entender os problemas dos adultos. O pai determinava se a criança podia ou não participar das conversas dos mais velhos. Isso indica que a criança nesse período não podia compartilhar suas ideias com os adultos (DAL CORTIVO, 2017, p. 14).

A vontade de ser escritora esta relacionada à fantasia. É através dela que Raquel cria um universo paralelo, com personagens inanimados, cada criatura trás consigo uma representatividade e todos juntos simbolizam a construção da identidade da protagonista.

Na percepção Freudiana a palavra defesa surgiu, em 1894, para descrever as relutâncias do ego contra sentimentos dolorosos, essas defesas são acionadas pelas dores internas, mas também experimentado pelo mundo exterior (ANNA FREUD, 2006, p. 37-52).

Em *A Bolsa Amarela* a presença do mecanismo de defesa realiza-se pela fantasia, na medida em que a narradora personagem relata suas aventuras imaginárias, para reprimir os conflitos da realidade. Ao decorrer da trama as vontades descritas nos monólogos, produzem uma série de emoções, entre elas a angustia e a insegurança, desencadeada pela privatização dos desejos de crescer, ser escritora e ser menino, essas ambições ganha espaço no universo fantástico, conforme os enredos são adaptados para cada questão. Desta forma “a realidade que lhe foi proporcionada é negada através da fantasia” (ANNA FREUD, 2006, p. 59).

Nesta perspectiva Lajolo clarifica acerca da construção da narrativa sobre o viés da fantasia. Segundo ela:

[...] Seu traço mais marcante aponta para o real e a fantasia, corporificada a última pelo imaginário infantil, povoado pelos desejos insatisfeitos a que cabe dar forma e solução por meio da atividade ficcional (LAJOLO, 2007, p. 65).

Ainda nesta perspectiva imaginária Lajolo e Zilberman descrevem a fantasia dentro da narrativa infantil como um processo escapista, uma fuga da realidade.

O triunfo da história motiva uma reação contrária na forma de um novo esforço de superação. Uma opção escapista todas as personagens, crianças na sua maior parte, não se satisfazem com seu cotidiano e almejam suplanta-lo, o que se viabiliza por meio de uma viagem [...] (LAJOLO, 2007, p. 63).

Neste caso a presença da insatisfação com a vida real, se intensifica na situação conflituosa da personagem com a família, em relação ao seu desenvolvimento particular, e suas necessidades psicológicas e afetivas. As vontades discutidas neste artigo em questão se tornaram o ápice aflição de Raquel, no que diz respeito ao convívio com a família.

A narrativa em *A Bolsa Amarela* é uma via de mão dupla entre fantasia e crítica sociais, ambas as temáticas são conectadas a representação simbólica, presente na luta pela emancipação do ser vivenciada pela criança. Jung classifica esse período em “símbolos de transcendência” que segundo ele são:

Aqueles que representam a luta do homem para alcançar o seu objetivo. Fornecem os meios pelos quais os conteúdos do inconsciente podem penetrar no consciente, e são também, eles próprios, uma expressão ativa desses conteúdos. [...] Em outras palavras, esses símbolos dizem respeito à libertação do homem — ou à sua transcendência — de qualquer forma de vida restritiva, no curso da sua progressão para um estágio superior ou mais amadurecido da sua evolução (JUNG, 2016, p. 251).

Nesse contexto convém mencionar a obra *O Dicionário de Símbolos* de Herder Lexicon que descreve as concepções simbólicas caracterizadas pelas múltiplas possibilidades interpretativas. Conforme o discurso de Lexicon:

[...] A linguagem dos símbolos também vive da tensão que há entre significantes e significados. Outra característica do símbolo como portador de significados é sua riqueza de interpretações,

frequentemente tão ampla que mesmo significados opostos podem combinar-se em um único símbolo (LEXICON, 1998, p. 7).

No romance temos a presença da bolsa amarela como símbolo emancipatório na vida da protagonista. No capítulo destinado à história da bolsa, é possível perceber a analogia existente conectando a bolsa as vontades da personagem. De acordo com Raquel:

Ela era grande; tinha até mais tamanho de sacola do que de bolsa. Mas vai ver ela era que nem eu: achava que ser pequena não dá pé. A bolsa não era sozinha: tinha uma alça também. Foi só pendurar a alça no ombro que a bolsa arrastou no chão. Eu então dei um nó bem no meio da alça. Resolveu o problema. E ficou com mais bossa também.(BOJUNGA, 2008, p. 27).

Raquel precisa de um lugar seguro e particular, em que ela se sinta à vontade para esconder suas vontades mais secretas. Para Raquel a bolsa é na verdade um refúgio, em que simbolicamente “exerce a função da bolsa amniótica, um lugar seguro onde o recém-nascido é gerado. A bolsa protetora carrega o que a protagonista tem de mais íntimo”. Gean Chervalier conforme citado por (MACIEL, 2014, p. 11).

O amarelo é uma das características mais simbólicas, presentes tanto na cor da bolsa de Raquel, quanto nas obras de Lygia Bojunga. A cor amarela nos remete a infância e chama atenção para os conflitos evidenciados na novela. Segundo Eva Heller, “o amarelo é a cor da maturidade, a idade idealizada como dourada, sendo identificada como símbolo nas mudanças dos sentimentos, e comparado com a instabilidade dos ciclos da natureza” (HELLER, 2014, p. 158).

Os seres fantásticos criados pela protagonista, em sua fantasia são a maioria do gênero masculino, o amigo imaginário André, galo Afonso, galo terrível e o alfinete de fraldas, com exceção apenas de duas personagens a amiga imaginária Lorelai e o guarda-chuvas mulher.

O galo Afonso representa a ideologia dos direitos iguais, segundo a narrativa de Raquel, o galo que se chamava rei, não queria reinar sobre o galinheiro, ele queria na verdade experimentar a liberdade de ir e vir. Percebe-se

em um dos trechos da estória do galo rei, a representação da sociedade determinista, que impõe a submissão ao gênero feminino. Em uma conversa com Raquel o galo Afonso revela seu descontentamento em cuidar das galinhas:

Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram “você é o nosso dono. Você é que resolve tudo para gente”. Sabe, Raquel elas não botavam um ovo, não dava umas ciscadinha, não fazia coisa nenhuma, sem vir me perguntar: “Eu posso? Você deixa? ” E eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor” (BOJUNGA, 2008, p. 35).

O galo de briga terrível é um importante personagem fictício e um dos moradores da bolsa amarela, percebe-se que é através dele que Bojunga como cidadã e intelectual faz uma crítica a falta de liberdade de expressão imposta pelo regime militar. A linha que costura o pensamento do terrível o impede de raciocinar simbolizando a opressão regida pela ditadura militar. Em um trecho da obra é possível perceber a analogia referente a essa linha do pensamento costurado.

Segundo os donos do terrível:

O jeito é fazer o Terrível pensar do jeito que a gente quer que ele pense. Mas, que jeito? Bolaram, bolaram e acabaram resolvendo que o jeito era costurar o pensamento do terrível e só deixar de fora o pedacinho que pensava: ‘Eu tenho que brigar! Eu tenho que ganhar de todo mundo!’ O resto todo sumia dentro da costura. E resolveram: - vamos costurar com uma linha bem forte para não rebentar (BOJUNGA, 2008, p. 94).

O alfinete de fraldas assim como a guarda-chuvas são representação da infância em duas fases distintas, o alfinete simboliza os conflitos da infância na busca pela construção da sua essência, sendo a guarda chuvas a personificação da menina mulher, nessa fase a personagem se sente completa simbolizando a aceitação da sua condição.

Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. [...] quando a guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu: Ah, me deixa pequena! Quero ser A Pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde

você cismar de crescer? - Não sei para que: ser pequeno é uma curtição (BOJUNGA, 2008, p. 48).

A casa dos concertos representa a base familiar idealizada por Raquel. Esse conceito imaginário se difere, em todos os aspectos da família da protagonista. Nesse ambiente existe afeto, cumplicidade e principalmente respeito. Essa fantasia criada por Raquel da família perfeita é um conjunto de expectativas, que se resume em reciprocidade. Em uma conversa com Raquel, Lorelai explica o porquê sua família sempre troca de função:

Para ninguém achar que tá fazendo uma coisa demais. E para ninguém achar aqui também tá fazendo uma coisa menos legal do que o outro. Teu avô tá estudando? –Tá. -velho daquele jeito? (Era meio chato conversar com ela só eu que cochicha ela falava Normal todo mundo ouvia). Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo (BOJUNGA, 2008. p. 99).

A casa dos concertos tem um papel significativo na obra, é através dela que sobre a personagem Raquel, começa a pensar diferente em relação a suas vontades, e isso nos leva a refletir que a casa dos concertos exerce a função de concertar o pensamento da protagonista, servindo de ponte para a libertação do eu verdadeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da infância tem sido uma importante contribuição para a realização desse estudo, ao analisar a bolsa amarela foi possível contemplar a perspectiva do olhar sensível e crítico da criança dentro do contexto literário. Foi no deleite da leitura que está pesquisa chegou à temática principal, a idealização familiar, a qual justificasse em compreender a relação entre as vontades e os conflitos, pela óptica da protagonista.

Dessa maneira o objetivo central desse trabalho de pesquisa foi compreender o modelo de família idealizado por Raquel no contexto imaginário. Neste caso a relação conflituosa entre Raquel e a família, formaram condições propícias, para que ela desenvolvesse ao seu modo uma fantasia particular, a qual

a imagem da família perfeita é evidenciada na casa dos consertos reflexo do seu imaginário. Esse conceito apresentado pela personagem refuta o a ideologia tradicionalista existente no sistema patriarcal, que destaca o homem como chefe de família. De acordo com Segabinazi a casa dos consertos:

Desconstrói totalmente a imagem da família patriarcal – que, imgeticamente, assemelha-se com uma pirâmide, na qual o topo é sempre um homem provedor que norteia a esposa e os filhos – e passa a mostrar-se como uma cooperativa, não havendo, assim, a necessidade de um chefe, mas uma cooperação de todos os integrantes da família para que as coisas funcionem (SEGABINAZI, 2012, p. 07).

Observando as inquietações da personagem narradora, relativas à instituição familiar, consideramos que a protagonista está em fase de transição pessoal e psicológica, em vista que a pré-adolescência é um período de construção do eu. Contudo, conclui-se que o papel de antagonismo não pode ser exercido pelo grupo nuclear, devido às circunstâncias que envolvem o desenvolvimento da personagem.

De fato a construção da identidade está conectada ao imaginário, que exerce a função de amenizar as aflições da psique humana, desse modo ao desenvolver a fantasia, Raquel consegue se firmar como menina e aceitar a sua condição de criança. Esse momento é simbolizado pelo mar, sendo citado por Bojunga como elemento libertador, a emancipação do ser tão buscada pela protagonista, a água significa purificação de espírito e recomeço. Segundo Matozo, *A Bolsa Amarela*:

Faz parte da fase iluminada de Lygia e isso se confirma, pois a redenção da personagem Raquel ocorre na praia, junto ao mar. Depois que conheceu a “Casa dos consertos” a personagem começa a perceber o mundo de uma nova forma, que pode existir varias maneiras de se constituir família e se constituir mulher (MATOZO, 2014 ,p. 16).

Para Raquel esse é o momento em que ela sente a libertação das vontades, a bolsa começa a murchar e os segredos vão desaparecendo.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. **Revista Educação em Questão**, v. 11, n. 2, 1999.

ASSIMIM, Cristiane Passos; DAL CORTIVO, Raquel Aparecida. A imaginação e a resolução dos conflitos no livro *A Bolsa Amarela*. **EA Sarmiento**. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LT, 198.

CARDOSO, Laís de Almeida. A infância revisitada: um estudo sobre o protagonismo infantil na literatura brasileira ao raiar do século XX. Tese de Doutorado. **Universidade de São Paulo**.

DA COSTA, Susana Ferreira; TEIXEIRA, Sandra. A história não tem de ser o destino: o risco psicossocial em crianças com famílias disfuncionais. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 7, n. 1-2, p. 193-203, 2017.

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança**. Brasiliense, 2017.

DE CASTRO, Lucia Rabello. A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista*, v. 8, n. 11, p. 47-58, 2002.

DICIO. **Significados**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 20 de fev. 2021.

FAMÍLIA Constitucional sob um Olhar da Afetividade. **Âmbito Jurídico**. Disponível em :<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-130/principio-da-afetividade-no-direito-de-familia/> Acesso em: 7 jun. 2020.

FREUD, Anna. **O Ego e os Mecanismo de Defesa**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Harper Collins Brasil, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. Ática, 1988.

LEXICON, Herder. **Dicionário de símbolos**. Editora Cultrix, 1998.

MACIEL, Severina Diosilene da Silva. Um olhar sobre a família em a bolsa amarela: entre o texto e a sala de aula. (2007).

NASCIMENTO, I. C.; SEGABINAZI, Daniela Maria. A desconstrução do sistema patriarcal: uma discussão de gênero em “a bolsa amarela”, de Lygia Bojunga nunes. **ENLIJE ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO**, v. 4, 2012.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa Amarela**. 34. ed. Rio de Janeiro, RJ: Casa Lygia Bojunga Ltda, 2008.

O AFETO Como Base Necessaria Para a Formacao da Familia; **Âmbito Jurídico**. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-de-familia/o-afeto-comobase-necessaria-para-a-formacao-da-familia/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

REPOSITORIO DIGITAL UFFS. **Livro para crianças, assunto de gente grande: a condição da família em A Bolsa Amarela**. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/688>. Acesso em: 7 jun. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth L.B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Júlia Reino de. Uma metacrítica de “As Belas Mentiras: a ideologia subjacente dos textos didáticos. **Biblioteca digital UNB**, Brasília, p. 01-60, Dez. 2017.